

## Sem Limites: Uma Ilustração Clínica

Inês Matos

Para esta mesa sobre a questão dos limites e do desenvolvimento, escolhi apresentar-vos um caso de uma criança que me parece ilustrar bem a realidade actual da parentalidade e talvez um dos principais motivos de consulta que recebo: dificuldades na parentalidade mascaradas por detrás da frase “o meu filho faz muitas crises”. Começa já a ser um clássico as dificuldades de comportamento nas crianças, a intolerância à frustração, o bater e gritar. E há talvez, na nossa sociedade actual uma necessidade urgente de reflectir sobre a questão dos limites. Os pais trabalham sem limites, em casa, no carro, no escritório nos parques infantis. A culpabilidade dos mesmos não tem fim e, por isso, o tempo com as crianças estando severamente limitado, assistimos a tentativas ferozes, mas vãs, de compensação, muitas vezes através de prendas a perder de vista que entopem os quartos, mas deixam um vazio de brincadeiras por fazer, de tempo não passado junto, tempo esse que seria muitas vezes a solução para os problemas apresentados pelas crianças em terapia e nas escolas.

Passo então a ilustrar o caso clínico. Numa segunda-feira de manhã recebo uma chamada de uma mãe muito aflita dizendo-me que a filha de 5 anos “faz umas crises insuportáveis e que já não sabem o que fazer”. Proponho duas alternativas de horário e a mãe fica de ver com o pai se alguma é possível. Na sexta-feira às 15h recebo uma chamada e uma mensagem perguntando-me se era possível marcar consulta para esse mesmo dia às 19h, sendo que, e cito: “há 1/5 de probabilidade de a Marta (nome fictício) não aceitar ir, mas se poderíamos na mesma bloquear essa hora”. Claro que aquilo que me era possível na segunda-feira já não o é na sexta e muito menos a apenas 3 horas de distância e aqui lembrei-me do meu supervisor, que me diria: “mesmo que seja, já não poderá dar essa hora”. A mãe pergunta-me, ainda, como deveria falar da consulta à filha para evitar a recusa da Marta. Respondi que me parecia que a menina, com 5 anos, teria de respeitar a necessidade de ajuda identificada pelos pais. A menina teria todo o direito de não querer vir, poderia até não falar comigo, ficar zangada ou frustrada e que

estaríamos aqui para a ouvir, mas que a última palavra era dos pais pois são eles que tomam as decisões importantes no que respeita à saúde e educação. Pensei que era um risco responder desta forma a uns pais que não conhecia ainda, e que esta resposta já era um início de intervenção, tentando empoderar os pais, responsabilizando-os e fazendo com que pais e criança se situassem no seu devido lugar, na hierarquia familiar. O risco compensou e vieram à consulta, a menina sem o mínimo sinal de oposição falou comigo e brincámos com *Playmobil*, no fim disse-me que traria da próxima vez os bonecos que eu nunca tinha visto, os cavaleiros da *Playmobil*. Em consulta, os pais relatam que a Marta quis ir no mês de Janeiro para a escola de sandálias, a mãe querendo respeitar o estilo da menina e o pai não querendo comprar mais “guerras” ... compactuaram. Mesmo a chuva não os demoveu, puseram uns sacos de plástico por fora das sandálias e foram para a escola.

Quando chegaram à escola encontram o limite: a recusa em receber a menina sem sapatos adequados às condições meteorológicas. E o tempo, não perdido a explicar a necessidade de outros sapatos, foi perdido num regresso a casa numa correria stressante e frustrante e num chegar atrasado ao trabalho e à escola. O pai descrevia-me ainda que os “banhos agora eram só duas vezes por semana, e lavar o cabelo apenas uma, assim evitavam o stress do fim da tarde”.

O nosso trabalho conjunto, nesta situação clínica, passou por: desmistificar alguns aspectos da parentalidade; apoiar os pais a assumir um papel assertivo na imposição de limites e regras; adaptar a rotina da Marta às necessidades e capacidades desenvolvimentais da mesma; e ajudar na expressão e regulação emocionais. O trabalho terapêutico apoiou-se nas noções de “Eu-Pele” de Anzieu (1974), “Pele Psíquica” de Esther Bick (1968), de “ *Holding* ” de Winnicott (1986), de “ *Goal Corrected Partnership* ” de Bowlby (1969/1982) e nos conceitos de “Segurança” da teoria da vinculação. Sermos uma base segura para que os pais e a criança explorem o seu mundo interno, e sermos uma base para os pais para que, por sua vez, o sejam para a filha, numa espécie de cadeia de segurança.

Em jeito de conclusão, uma pequena nota pessoal:

O meu filho de 3 anos e meio perguntava-me no outro dia: “mãe, ainda falta muito para ser adulto?”. Um bocadinho - respondi eu; “mas está a demorar tanto!”. E eu, surpreendida, pensando porque queria este menino ser adulto, este mesmo

que todas as noites antes de se deitar me diz que “amanhã vou ter saudades do meu dia de hoje”. Perguntei-lhe e calei-me para o ouvir com atenção; “sabes, é que eu gostava de mandar, eu gosto tanto de mandar”. Que ele nunca se esqueça que os adultos é que tomam as decisões, que as crianças podem ser consultadas em alguns assuntos, e devem ser sempre ouvidas e as suas emoções tidas em conta, mas que os comandantes do navio são os pais, que a responsabilidade de tomar as decisões e de estabelecer os limites contentores é dos adultos. Se cumprirmos esta missão, os limites são integrados e haverá menos sofrimento, menos birras e crises, maior confiança e cumplicidade e mais tempo para estar juntos com prazer. Tempo esse que é muitas vezes roubado pelas birras devido à incapacidade da nossa sociedade de dizer “não”, de impor regras, de gerir a frustração, de permitir a expressão das emoções negativas impedindo assim o trabalho fundamental de ajuste à realidade e de regulação emocional.

## Referências

- Anzieu, D. (1974). *Le Moi-Peau. Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 9, 195-208.
- Bick, E. (1968). The Experience of the Skin in Early Object-Relations. *International Journal of Psychoanalysis*, 49, 484-486
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss: Volume I: Attachment*. Basic Books.
- Winnicott, D.W. (1986). *Holding and Interpretation: Fragment of an Analysis* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429475542>